



IRAQUE

Fotos: Ahmad Al-Rubaye/AFP



Homem ferido durante invasão ao complexo governamental é carregado por colega



Seguidores do líder xiita invadem o Palácio Presidencial: país vive o medo de uma guerra civil



Sadristas se refrescam na piscina do mesmo palácio: inspiração em imagens de Bangladesh



Cartuchos de balas e um projétil de espingarda recolhidos na Zona Verde: munição letal

O caos em Bagdá

Simpatizantes de Moqtada Al-Sadr ocupam a Zona Verde, área fortificada da capital, após o clérigo xiita anunciar a aposentadoria. Choques com forças do governo nacional, apoiado pelo Irã, deixam pelo menos 15 mortos e 350 feridos

» RODRIGO CRAVEIRO

Às 23h28 de ontem (17h28 em Brasília), Muhammad Al-Askar, 29 anos, pediu que a entrevista ao **Correio** fosse interrompida. “A situação não é segura aqui em Bagdá. Há confrontos muito violentos. Ouço intensos disparos com armas pesadas”, contou o funcionário de uma empresa privada, que mora a apenas 400m da fortificada Zona Verde, no coração da capital iraquiana. Quarenta minutos antes, explosões sacudiram a região. “A milícia *Saraya Al-Salam* (Brigadas da Paz) disparou sete obuses contra o quartel-general das Forças de Mobilização Popular (leais ao governo e ao Irã) e um deles caiu perto da Embaixada dos Estados Unidos”, disse.

O Iraque mergulhou no caos depois que o clérigo xiita Moqtada Al-Sadr, líder das Brigadas da Paz e uma das autoridades mais influentes do país, anunciou inesperadamente a saída da vida política iraquiana. Até o fechamento desta edição, 15 pessoas tinham morrido nos confrontos e mais de 350 ficaram feridas. Todo o Iraque está sob toque de recolher desde as 19h de ontem (hora de Brasília).

Simpatizantes de Al-Sadr invadiram o Palácio Republicano e enfrentaram as forças de segurança, que dispararam gás lacrimogêneo e munição letal. Sadristas foram fotografados na piscina do complexo governamental e fazendo selfies dentro do prédio. Em protesto contra as mortes, o clérigo iniciou uma greve de fome, que deve durar até que a violência termine.

“Eu decidi não interferir em assuntos políticos, mas, agora, anuncio minha aposentadoria final e o fechamento de todas as

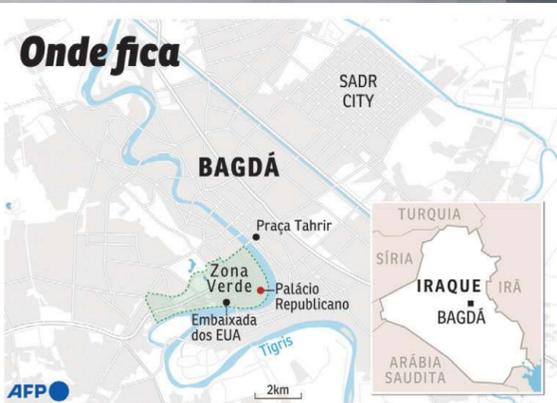
Ahmad Al-Rubaye/AFP



Iraquianos leais a Moqtada Al-Sadr se concentram diante do quartel-general do governo, no coração da capital iraquiana

instituições (sadristas)”, escreveu Al-Sadr no Twitter, ao criticar líderes xiitas por não acatarem seus pedidos de reforma. Depois de se distanciar da influência do Irã sobre a política iraquiana, Al-Sadr avisou aos governantes prontos para permitir aos seguidores agirem por conta própria, caso o Parlamento não se dissolva.

“Estou com medo. Lembrem-se da guerra civil do Líbano, que ocorreu entre o Movimento Amal e o Hezbollah”, admitiu Al-Askar, ao citar a luta entre as milícias xiitas convertidas em partidos. “Só espero uma coisa: o desconhecido.” Ele relatou que, durante os confrontos na Zona Verde, viu um sadrista ferido com um



tiro no peito. Jakdar Jamal, 24, jornalista da emissora Kurdistan 24, cobriu os protestos de ontem em Bagdá. “Vi mascarados assassinarem pessoas. Um franco-atirador matou um homem

com um tiro na cabeça”, afirmou à reportagem. “Havia milhares de manifestantes na Zona Verde, quando começou um tiroteio indiscriminado. Um de meus colegas foi atingido na mão direita.”

Personagem da notícia

Poder e versatilidade

Quando Moqtada Al-Sadr levanta o dedo indicador e franze a testa, o Iraque prende a respiração. A aura do líder religioso xiita tem muito peso na arena política — e nas ruas —, apesar de suas visões muitas vezes inconstantes. O ex-líder das milícias paramilitares, vestido com um turbante preto que o identifica como descendente do profeta do Islã, Maomé, mais uma vez mostrou sua influência.

Al-Sadr sabe que pode contar com ampla faixa da comunidade xiita, a maior do Iraque. “É capaz de ocupar as ruas e ninguém pode ofuscá-lo



nisso”, explica o analista Hamdi Malik, do centro de análise Washington Institute. “Tudo gira em torno dele” em seu movimento. Apesar das contradições de ser oportunista de alianças. Durante o grande movimento de protesto popular em outubro de 2019, Al-Sadr enviou seus simpatizantes para apoiar as reivindicações de regeneração política dos manifestantes. Em seguida, pediu para que se retirassem.

Nascido em 1974 em Kufa, perto de Najaf (sul), esse homem de rosto redondo e barba grisalha vem de “uma linhagem de religiosos xiitas, sayyids (descendentes do profeta Maomé)”, explica Malik.

UCRÂNIA

Inspetores nucleares a caminho de usina atômica

Uma equipe da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) estava a caminho da central nuclear ucraniana de Zaporizhzhia, enquanto as tropas de Kiev iniciavam uma contraofensiva no sul do país para recuperar a cidade de Kherson. Desde que começou a guerra, há seis meses, as tropas russas controlam a região costeira de Kherson e sua capital de mesmo nome. “Hoje houve ataques potentes de artilharia contra posições inimigas (...) no conjunto do território da província ocupada de Kherson. É o anúncio do que esperávamos desde a primavera (no Hemisfério Norte: o início do fim da ocupação)” desta área no sul da Ucrânia, disse na televisão Serhiy Khlan, deputado local e conselheiro do governador provincial.

O Ministério da Defesa russo informou, por sua vez, ter repellido os ataques nas regiões de Kherson e Mikolaiv e infligido “fortes perdas” às forças ucranianas. A cidade de Kherson fica 200km a sudoeste da usina nuclear de Zaporizhzhia — a maior da Europa —, que também é ocupada pelas tropas russas desde o começo de março. Ontem, o diretor-geral da AIEA, Rafael Grossi, informou no Twitter que uma missão de apoio e assistência da agência estava “a caminho” de Zaporizhzhia e que a equipe chegaria “esta semana”.

O organismo de controle nuclear da ONU pede há meses para visitar o local, alertando sobre o “risco muito real de uma catástrofe nuclear”. As Nações Unidas

Dean Calma/AIEA/AFP



A equipe da AIEA se prepara para embarcar em Viena rumo a Zaporizhzhia

pedem a suspensão de qualquer atividade militar na região em torno do complexo. A Ucrânia temia inicialmente

que a visita da AIEA legitimasse a ocupação russa do local, mas acabou finalmente por apoiar a ideia de uma missão.

“Chantagem”

Rússia e Ucrânia se atribuem mutuamente a responsabilidade pelos ataques em torno da usina de seis reatores nucleares, situada perto da cidade de Enerhodar, às margens do Rio Dnipro. As tropas russas “continuaram disparando contra Enerhodar e a usina nuclear de Zaporizhzhia” no domingo, ferindo dez pessoas, entre elas quatro trabalhadores da central, informou a agência nuclear ucraniana Energoatom, que alerta para o risco de um vazamento radioativo.

O Ministério da Defesa russo acusou no domingo as tropas ucranianas de bombardearem as imediações da usina, afirmando terem derrubado um “drone de ataque ucraniano” que se aproximava de

uma área de armazenamento de combustível nuclear e resíduos radioativos. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, pediu à comunidade internacional para “pressionar” as forças ucranianas a reduzirem a tensão no entorno da usina e “pararem de pôr em risco o continente europeu bombardeando” a área da instalação.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pediu sanções contra a agência estatal russa de energia nuclear Rosatom pela ocupação da central. “Não é normal que não haja sanções contra a Rosatom por sua chantagem radioativa na central nuclear de Zaporizhzhia”, disse. “Os russos são os únicos terroristas do mundo que conseguiram transformar uma central nuclear em um campo de batalha”, assegurou.